

Mostra da retirada de psitacídeos em cativeiro na cidade de Cuiabá e Pantanal de Poconé, Mato Grosso, no período 1995-1997

João Batista de Pinho¹ e Flávia Maria de Barros Nogueira²

¹ Instituto de Biociências, Universidade Federal de Mato Grosso, Avenida Fernando Corrêia da Costa, 78060-900, Cuiabá, MT, Brasil. E-mail: pinho@ufmt.cpd.br.

² Departamento de Botânica e Ecologia, Instituto de Biociências, Universidade Federal de Mato Grosso, Avenida Fernando Corrêia da Costa, 78060-900, Cuiabá, MT, Brasil.

Recebido em 10 de julho de 1999; aceito em 10 de fevereiro de 2000

ABSTRACT: A sample of Psittacidae withdrawal and captivity in the city of Cuiabá and within the Poconé Pantanal, Mato Grosso, during the 1995-1997. The world trade of wild birds affect a large number of species and is an important economical activity for some countries. In Brazil, specifically in the Cuiabá, MT region, most of the consumers wish to have a wild animal in their house. The results of the diagnostic on birds kept in residences in the metropolitan area of Cuiabá show that the human population have a preference for Parrots, cultural habit transmitted through generations along time. Up to 886 birds were registered, and *Amazona aestiva* is the most common pet. In the Poconé Pantanal, in spite of the cohibition exerted by the authorities, still wild Parrots are captured and sold to individuals and tourist resorts such as farm-hotels.

KEY WORDS: Poconé Pantanal, parrots, captivity.

PALAVRAS-CHAVE: Pantanal de Poconé, psitacídeos, cativeiro.

O Brasil é o maior país do continente sul-americano, destacando-se pela sua biodiversidade como um dos maiores bancos genéticos do mundo (Macedo e Santos 1997). Entretanto, espécies da fauna brasileira são constantemente ameaçadas pelas mais variadas formas de pressões oriundas das atividades humanas, que se fazem notar principalmente pela destruição dos habitats, pelo contrabando e comércio ilegal de animais silvestres em tráficos internacionais, carência de uma política de educação ambiental, fiscalização deficiente e também ausência de recursos destinados a estudos direcionados à conservação.

O Brasil é o país mais rico do mundo em Psittacidae, vivendo aqui também seus maiores representantes, as araras. Nos primeiros mapas, elaborados ainda em 1500, esta riqueza já era evidenciada, sendo o país designado como "terra dos papagaios" (Sick 1997). No Brasil existem 70 espécies de psitacídeos, distribuídos em 17 gêneros, (Machado e Brant 1990). Na lista oficial da fauna Brasileira Ameaçada de Extinção esta família é a que apresenta maior número de espécies ameaçadas, o que foi confirmado para a arara azul estudada no Pantanal Mato-grossense (Guedes 1993). Na natureza só restam aproximadamente 3000 indivíduos desta espécie (Collar *et al.* 1992).

Não se tem uma estatística oficial correta de quantas aves são retiradas da natureza para o comércio no Brasil. Na verdade, segundo Thomsen e Mulliken (1992), esta estatística não existe para país algum, uma vez que trata-se de uma prática ilegal. Os autores calculam que cerca de 1,8 milhões de psitacídeos neotropicais foram exportados

entre 1982 e 1988, sendo os EUA, seguidos pela Comunidade Econômica Européia e Japão, os principais compradores. Guix *et al.* (1997) realizaram uma amostragem no período de 1991 a 1996 em dez lojas de vendas de animais na cidade de Barcelona – Espanha, registrando um total de 3989 exemplares pertencentes a 17 espécies de psitacídeos neotropicais. Os psitacídeos, com predominância de papagaios, mesmo sendo menos cotados no comércio internacional devido ao seu tamanho, são os mais comercializados no Brasil e no exterior. Em função do tamanho, as araras ficam em segundo lugar (Lacava e Saracura 1995).

O objetivo deste trabalho foi avaliar a retirada de aves da natureza, em especial os psitacídeos em cativeiro, na cidade de Cuiabá e região do Pantanal de Poconé, MT.

METODOLOGIA

Realizamos um levantamento das espécies de psitacídeos retirados da natureza, através de: 1) análise da documentação de apreensões das instituições governamentais responsáveis pela fiscalização (Polícia Florestal e Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis); 2) análises dos registros de doações de psitacídeos feita pela população ao Zoológico da Universidade Federal de Mato Grosso; 3) visitas realizadas no período de 1996 e 1997 a fazendas e hotéis da região do Pantanal de Poconé; 4) através de um levantamento de animais silvestres em três bairros do município de Cuiabá, tendo um ponto fixo em cada bairro para fazer o

cadastramento e um total de 3000 visitas a residências, realizado pela Associação de Criadores de Pássaros Canoros do Coxipó (ACRIPAC), Zoológico da UFMT e IBAMA.

O período de análise documental e realização do levantamento de campo compreendem os anos de 1995 a 1997. No caso específico das observações feitas pela ACRIPAC/Zoológico/IBAMA neste mesmo período, as casas eram visitadas e os animais silvestres eram cadastrados (tabela 1).

Tabela 1. Cadastramento de psitacídeos feito pela ACRIPAC nos anos de 1996 e 1997.

Espécies	Anos de 1996 e 1997
<i>Amazona aestiva</i>	249
<i>Amazona amazonica</i>	56
<i>Amazona ochrocephala</i>	36
<i>Amazona xanthops</i>	145
<i>Amazona farinosa</i>	18
<i>Aratinga solstitialis</i>	21
<i>Ara ararauna</i>	63
<i>Ara chloroptera</i>	31
<i>Ara macao</i>	9
<i>Ara severa</i>	9
<i>Anodorhynchus hyacinthinus</i>	2
<i>Brotogeris chiriri</i>	190
<i>Diopsittaca nobilis</i>	18
<i>Myiopsitta monachus</i>	19
Total	866

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A tabela 2 apresenta as apreensões de psitacídeos executadas pela Polícia Florestal e IBAMA (Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis) nos anos de 1995 a 1997, representando apenas 21 indivíduos de cinco espécies.

Tabela 2. Apreensões de psitacídeos executadas pelos órgãos fiscalizadores de Mato Grosso.

Espécies	1995		1996		1997	
	IBAMA	Polícia Florestal	IBAMA	Polícia Florestal	IBAMA	Polícia Florestal
<i>Aratinga aurea</i>	0	0	0	0	3	0
<i>Amazona aestiva</i>	0	0	0	0	2	0
<i>Ara ararauna</i>	0	1	0	1	3	0
<i>Brotogeris chiriri</i>	0	0	9	0	0	0
<i>Pionus menstruus</i>	0	0	2	0	0	0
Total	0	1	11	1	8	0

Estes resultados mostram a falta de estrutura para coibir o tráfico de animais silvestres no Estado de Mato Grosso e a ausência de qualquer informação sistematizada ou

estatística sobre o tráfico de fauna. De acordo com as informações prestadas pela Superintendência Estadual do IBAMA, os órgãos governamentais deste Estado, atualmente fiscalizam somente em barreiras esporádicas nas estradas ou através de denúncias feitas pela população, muitas vezes deixando inclusive de agir por não se ter uma estrutura adequada, como um centro de triagem para animais silvestres, objetivando acomodar e dar destino correto às apreensões. Esta assertiva é corroborada por Lacava e Saracura (1995), que afirmam que o Brasil situa-se entre os principais países do mundo que comercializam e exportam espécies da fauna e flora silvestres de forma ilegal. A sua condição de país periférico no cenário econômico mundial, somada à riqueza de sua biodiversidade, à ineficiência dos órgãos governamentais de controle e às péssimas condições de vida predominante para grande parte de sua população, contribuem para reforçar esta situação.

Os habitantes de Cuiabá doaram ao Zoológico da Universidade Federal de Mato Grosso entre 1995 e 1997, 72 indivíduos de 11 espécies de psitacídeos (tabela 3). A espécie mais freqüente nestas doações foi *Amazona aestiva* (papagaio verdadeiro) seguida por *Brotogeris chiriri* (periquito verde).

Tabela 3. Doações de psitacídeos ao Zoológico da Universidade Federal de Mato Grosso.

Espécies	1995	1996	1997	Total
<i>Amazona amazonica</i>	0	2	0	2
<i>Amazona aestiva</i>	5	10	7	22
<i>Aratinga aurea</i>	0	3	0	3
<i>Ara chloroptera</i>	7	1	0	8
<i>Ara ararauna</i>	3	2	2	7
<i>Ara macao</i>	0	1	1	2
<i>Anodorhynchus hyacinthinus</i>	0	0	2	2
<i>Brotogeris chiriri</i>	1	13	4	18
Total	16	32	16	64

A partir de 1995, com a campanha nacional sobre o tráfico de animais silvestres, com rígidas penalidades para quem fosse apanhado exercendo esta atividade, o Zoológico da UFMT teve dificuldades para abrigar todos os animais doados pela população que se sentia ameaçada pelas penalidades.

Apesar das restrições, incluindo também a ineficiência dos setores competentes, a criação de animais silvestres em cativeiro tem sido freqüentemente observada nas residências da cidade de Cuiabá. Nos anos de 1996 e 1997 foi registrada a existência de 866 espécimes de psitacídeos sendo *Amazona aestiva* (249 indivíduos registrados), seguida de *Brotogeris chiriri* (190 indivíduos) e *Amazona xanthops* (145 indivíduos) as espécies mais freqüentemente encontradas.

Na grande Cuiabá, há uma preferência da população em criar psitacídeos, hábito que foi transmitido de pais

para filhos ao longo do tempo. Esta assertiva é corroborada por Yamashita (1992), que afirma que os psitacídeos foram as primeiras aves pantropicais a serem introduzidas na civilização ocidental e desde a época de Alexandre, o Grande, existem registros de seu comércio.

No Brasil os grandes psitacídeos desapareceram das cercanias de centros mais populosos e rodovias. Centenas de papagaios são transportadas de caminhão, clandestinamente, para os mercados do Sul. Consta que em 1982 saíram ilegalmente do Brasil 1000 *Anodorhynchus hyacinthinus*; em 1979 um único comerciante da Alemanha Ocidental tinha um estoque de 200 araras-azuis, seguramente todas procedentes do Brasil (Sick 1997).

No Pantanal de Poconé, apesar da coibição dos órgãos fiscalizadores ainda se presencia a retirada de psitacídeos da natureza para criação em cativeiro particular e hotéis-fazenda. Neste último caso, as araras são utilizadas para atrair atenção de turistas que os visitam. Em um ninho de arara azul monitorado em 1997, localizado na fazenda Santa Gema (Rodovia Poconé – Porto Cercado, MT) houve retirada de filhotes desta ave. Na fazenda Ipiranga (Rodovia Transpantaneira, MT) o proprietário retirou dois filhotes de *Anodorhynchus hyacinthinus* e amputou suas asas para facilitar que turistas os fotografassem (obs. pess.). Todos são exemplos de que mesmo com coibição, ainda é grande o número de animais que são retirados da natureza, notadamente ainda quando filhotes.

AGRADECIMENTOS

Os autores agradecem ao Projeto Ecologia do Pantanal (PEP – 2ª fase) convênio UFMT/Max-Planck Institut für Limnologie, Plön, do programa SHIFT (studies fo Human Impact on Forests and Floodplains in the Tropics, CNPq / IBAMA – DLR), pelo apoio logístico em campo e

laboratórios, e especialmente ao Prof. Dr. Miguel Ângelo Marini (ICB, UFMG, Belo Horizonte) pela revisão do manuscrito e pelas sugestões.

REFERÊNCIAS

- Collar, N.J., L. P. Gonzaga, N. Krabbe, A. Madroñonieto, L. G. Naranjo, T. A. Parker III and D. C. Wege. (1992) *Threatened birds of the Americas. The ICBP/IUCN Red Data Book*. Washington, D. C.: Smithsonian Press.
- Guedes, N. M. R. (1993) *Biologia reprodutiva da arara azul (Anodorhynchus hyacinthinus) no Pantanal MS, Brasil*. Dissertação de Mestrado. Piracicaba: ESALQ.
- Guix, J. C., L. Jover e X. Ruiz (1997) Muestreos del comercio de psitácidos neotropicales en la ciudad de Barcelona, España: 1991-1996. *Ararajuba* 5 (2): 159-167.
- Lacava, U. e V. Saracura (1995) *Tráfico de animais silvestres no Brasil*. Brasília: Fundo Mundial para a Natureza.
- Machado, R. B. e A. Brant (1990) Arara – azul de Lear ameaçada. *Ciência Hoje* 11 (61): 66-67.
- Macedo, L. M. A e O. M. Santos (1997) *Ordenamento territorial - ampliação da ação do zoneamento ecológico-econômico em parceria com universidades*. Brasília: Ed. Univ. Brasília, CIORD.
- Sick, H. (1997). *Ornitologia Brasileira*. Rio de Janeiro: Ed. Nova Fronteira.
- Thomsen, J. B. e T. A. Mulliken (1992) Trade in neotropical psittacines and its conservation implications, p. 221-39. In: S. R. Beissinger e N. F. R. Syder (Eds.) *New world parrots in crisis: solutions form conservation biology*. Washington, D. C.: Smithsonian Press.
- Yamashita, C. (1992) Nada azul com a arara azul. *O Charão* 17 (1): 4-7.